

Ana Isabel Mata

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Isabel Pereira

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

FLEXIBILIDADE DE CONTORNOS ENTOACIONAIS EM SEQUÊNCIAS DE NATUREZA INTERROGATIVA: PERCEÇÃO E INTERPRETAÇÃO

INTRODUÇÃO

Neste trabalho propomo-nos contribuir para a discussão de factores que podem desempenhar um papel na percepção das interrogativas globais, em português europeu.

Temos como ponto de partida algumas questões colocadas em Mata (1990), suscitadas pela constatação de diversidade nas configurações entoacionais associadas a interrogativas globais (que entendemos no sentido apresentado em MATEUS *et alii*, 1989: 237). Tais resultados contrariam a afirmação corrente de que, a uma interrogativa deste tipo, corresponde uma entoação terminal ascendente¹; no entanto, vão ao encontro de conclusões apresentadas em trabalhos desenvolvidos sobre outras línguas.²

¹ Em português, além da obra citada, apenas CRUZ-FERREIRA (1980, 1983) admite e descreve o uso de configurações entoacionais alternativas no final deste tipo de perguntas (ainda que em contextos particulares ou estreitamente associadas a uma manifestação de avaliações e atitudes assumidas pelo locutor).

² Sobre a ocorrência (em percentagens consideravelmente elevadas) de configurações entoacionais alternativas à entoação final ascendente nas interrogativas globais, cf., por exemplo, LEE (1956, 1980).

A confirmação de que as interrogativas globais não estão obrigatoriamente associadas a um único contorno, coloca-nos perante a questão de saber que factores intervêm na identificação de uma pergunta. Um estudo de percepção parece-nos ser uma forma adequada para tentar responder a essa questão. Dai que tenhamos elaborado um teste de percepção para verificar se sequências verbais produzidas como perguntas globais são interpretadas como tal; de que modo o ouvinte percebe o contorno entoacional dessas sequências.

METODOLOGIA

Constituiu-se um *corpus* a partir da gravação de um jogo de sociedade em que participaram três informantes do sexo masculino e três do sexo feminino, da região de Lisboa, com formação universitária. Nesse jogo, um jogador tenta adivinhar uma palavra previamente escolhida pelos outros jogadores, recorrendo à formulação de perguntas.

Este procedimento³ tem por finalidade a obtenção de sequências interrogativas numa situação de fala espontânea. Deve referir-se que os jogadores não foram informados dos objectivos específicos da gravação, para que actuassem de forma natural no que respeita à expressão da interrogação.

FRIES (1964), COHEN (1972), JASSEN (1972) para o inglês; FOMAGY e BERARD (1973), BRUNDSTROM e LEON (1973) para o francês.

³ Idêntico ao seguido em FOMAGY e BERARD (1973).

Para determinar as características entoacionais das sequências interrogativas, procedemos à análise das variações de frequência fundamental (F_0), que foram posteriormente convertidas em contornos entoacionais de acordo com o modelo de tradição inglesa de análise da entoação⁴. A nossa atenção recaiu essencialmente sobre o contorno nuclear. Apenas as sequências produzidas pelos informantes masculinos foram objecto da nossa análise.

Com base nos resultados dessa análise, elaborou-se um teste de percepção constituído por 18 sequências. Desse total, 3 sequências são declarativas associadas a um contorno nuclear descendente, as restantes são interrogativas: 4 de contorno nuclear ascendente; 2 de contorno nuclear ascendente-descendente; 3 de contorno nuclear estacionário; 6 de contorno nuclear descendente.

Solicitou-se aos participantes no teste que, para cada sequência, determinassem, por um lado, se se tratava de uma pergunta ou de uma declaração, por outro, se a entoação final era ascendente ou descendente.

Participaram no teste de percepção 18 informantes, estagiários do Curso de Formação de Professores da F.L.U.L.: 12 de L.L.M.

⁴ Este modelo tem como unidade básica o grupo entoacional (cf. MATEUS e JAVIER, 1990: 197). O núcleo é o seu elemento mais importante: nele ocorre o último e principal movimento de altura do grupo entoacional - o contorno nuclear. O contorno pré-nuclear, sendo secundário, pode, no entanto, modificar o sentido de um dado contorno nuclear. (cf., por exemplo, ULBALL (1961); HADDING-KOCH e STUDDERT-KENNEDY (1964); GRUNDSTROM e LEON (1973); CRUZ-FERREIRA (1980, 1983).

(variantes com Português) e 6 de Geografia. A opção de incluir no grupo de participantes elementos de formação diferente tem por fim testar a influência do conhecimento reflexivo da língua sobre a percepção e interpretação das sequências.

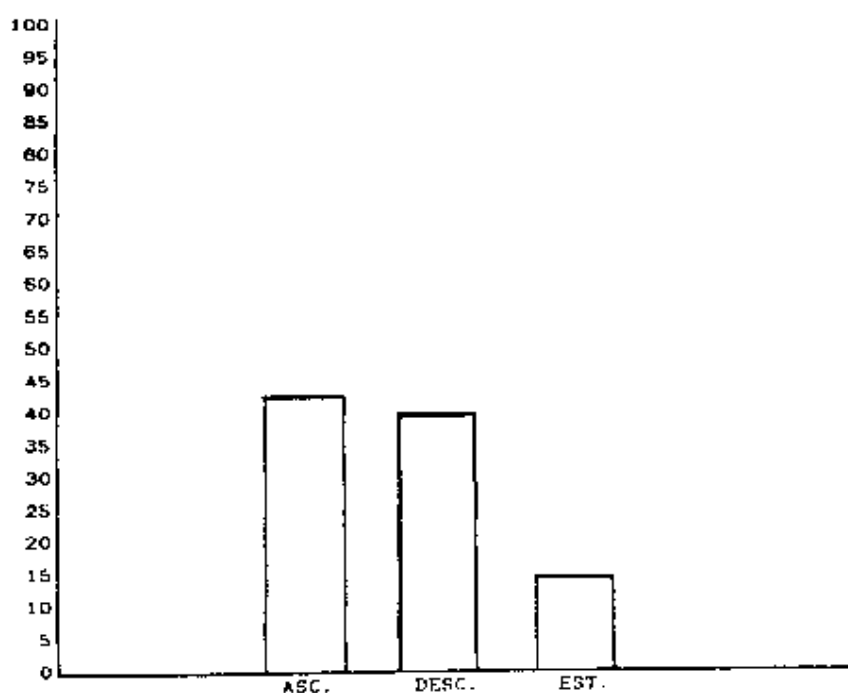
Apresentou-se o teste em três momentos. Num primeiro momento, as sequências ouvidas foram privadas do contexto em que foram produzidas; num segundo momento, deu-se a conhecer aos informantes a situação de produção das sequências; num terceiro momento, as sequências ouvidas foram integradas no seu contexto. Procurámos, assim, verificar qual a importância do contexto e da situação de produção para a identificação da natureza interrogativa das sequências, o que poderá contribuir para a detecção das características entoacionais que distinguem as interrogativas globais em português.

ANALISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Da totalidade de perguntas formuladas pelos três participantes masculinos foram seleccionadas 37 perguntas globais, não-focalizadas, correspondentes a uma só unidade tonal. Dessas perguntas, 43.2% encontram-se associadas a um contorno nuclear ascendente; 40.5% a um contorno nuclear descendente; 16.3% a um contorno nuclear estacionário (cf. FIG.1.). Tais resultados confirmam a flexibilidade de contornos entoacionais em sequências interrogativas. Adiante analisaremos com mais

atenção as suas formas, relativamente ao modo como foram identificadas no teste de percepção.

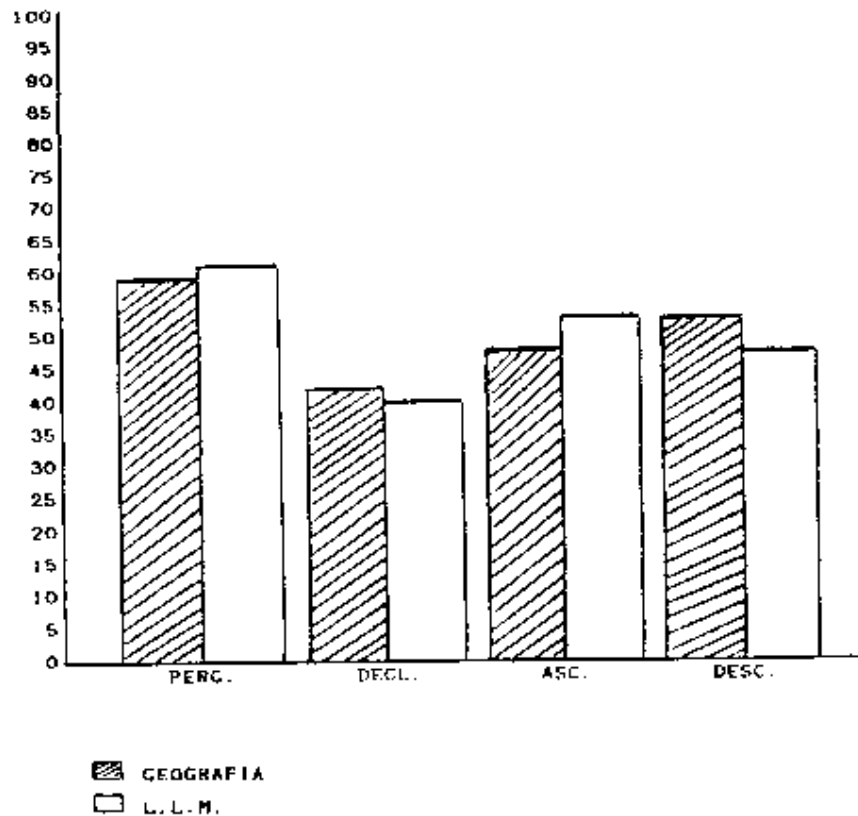
FIG. 1.
DISTRIBUIÇÃO DE CONTOORNOS ENTOACIONAIS NUCLEARES
NAS PERGUNTAS DO "CORPUS"
(valores em %)



Passemos agora aos resultados do teste de percepção.

A comparação dos valores obtidos nas respostas de cada grupo de informantes (L.L.M./Geografia) não permite concluir que o conhecimento reflexivo influencia de modo significativo a identificação da natureza de sequências interrogativas e suas propriedades entoacionais. De facto, como se pode observar na FIG. 2., os resultados de ambos os grupos estão muito próximos quer relativamente à identificação do tipo de frase, quer à da forma entoacional.

FIG. 2.
 IDENTIFICAÇÃO DO TIPO DE FRASE E DA FORMA ENTOACIONAL FINAL
 (valores em %)

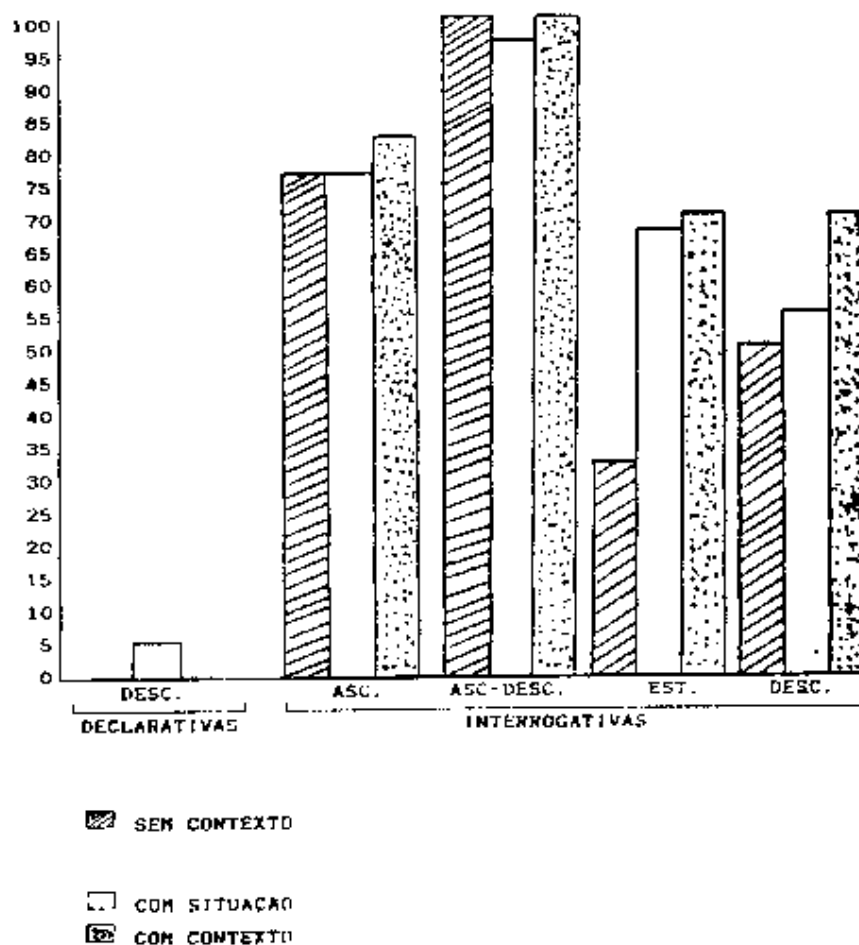


é possível, no entanto, observar uma tendência geral (dos dois grupos) para identificar as seqüências interrogativas como ascendentes, mesmo quando o não são, e para identificar como descendentes as seqüências que consideram declarativas (embora algumas sejam interrogativas).

Esta tendência não pode ser atribuída unicamente à influência do conhecimento que os informantes têm sobre a sua língua. É de considerar a intervenção da globalidade das propriedades entoacionais das frases (e não só do contorno terminal) na percepção do sentido da variação final de entoação, de que adiante falaremos.

Os valores obtidos nos três momentos do teste de percepção - sem contexto, com conhecimento da situação, em contexto - são apresentados na FIG. 3..

FIG. 3.
IDENTIFICAÇÃO DAS SEQUÊNCIAS COMO PERGUNTA
(valores em %)



As declarativas (descendentes), as interrogativas ascendentes e as interrogativas ascendentes-descendentes não apresentam valores significativamente divergentes nos três momentos. Tais sequências são clara e adequadamente identificadas logo no primeiro momento, o que justifica a convergência de respostas.

As percentagens relativas às interrogativas ascendentes merecem-nos um comentário. Considerando que esta é a forma geralmente associada ao tipo interrogativo, seria de esperar que os valores correspondentes à identificação destas sequências como perguntas fossem ainda mais elevados. Os resultados verificados atribuem-se à dispersão das respostas relativas a uma sequência ("Substantivo?") cujas características analisaremos mais adiante.

Quanto às interrogativas ascendentes-descendentes, são unanimemente identificadas como perguntas no primeiro e terceiro momentos, e por larga maioria no segundo (97.3%). Seria de esperar uma maior dispersão de respostas, atendendo a que se trata de um tipo de contorno nuclear descendente. Deve referir-se, no entanto, que estas sequências foram consideradas ascendentes por uma maioria significativa: 91.7% no primeiro momento; 88.9% no segundo; 86.2% no terceiro. Tais valores parecem indiciar que nestes casos o movimento inicial de variação de altura associado ao núcleo (ascendente) é, perceptivamente, mais significativo.

Nas interrogativas estacionárias e nas descendentes verifica-se, do primeiro para o terceiro momento, um aumento gradual das percentagens de identificação das sequências como perguntas. Isso é particularmente visível no caso das estacionárias: os valores percentuais obtidos no segundo momento duplicam em relação aos do primeiro (1ª - 33.4%/2ª - 66.7%).

Estes resultados constituem evidência da importância quer da situação, quer do contexto para a identificação do tipo de frase, quando as suas propriedades formais divergem das consideradas usuais (incluímos aqui as interrogativas estacionárias e as descendentes). Nos outros casos, o contexto é redundante.

Consideremos agora as propriedades formais das sequências na sua relação com o modo como foram identificadas no teste de percepção.

As interrogativas associadas a um contorno ascendente estão representadas no *corpus* sob três formas: alto-ascendente; baixo-ascendente; descendente-ascendente. No teste de percepção foram incluídas apenas alto-ascendentes e baixo-ascendentes (não entendemos necessário testar todas as formas, visto que o contorno de direcção ascendente está usualmente ligado às interrogativas).

Tanto as variáveis de nível alto como as de nível baixo foram maioritariamente interpretadas como perguntas e a sua entoação final percebida como ascendente. A única excepção verificada é "substantivo?", identificada pelos informantes como declarativa mesmo quando inserida no seu contexto (apesar de aqui haver maior dispersão de respostas). Na percepção do seu contorno terminal observa-se também grande dispersão de respostas.

A análise dessa sequência no seu contexto de produção permitenos classificá-la como um tipo específico de interrogativa - *parcializada*. Ao formular este tipo de pergunta, o locutor pressupõe o valor de verdade da informação nela contida e procura induzir o interlocutor à ratificação da verdade dessa informação, através de uma resposta confirmativa (que pode não ser obtida). Tais perguntas têm um valor simultaneamente interrogativo e assertivo. Encontrámos outros exemplos, com formas entoacionais diferentes, que, como veremos, são interpretados do mesmo modo.

As interrogativas de contorno estacionário são interpretadas na sua maioria como perguntas. A dispersão de respostas no que respeita à percepção do contorno final vai de encontro às nossas expectativas, visto que o teste dava apenas duas possibilidades de resposta: ascendente/descendente. Também neste tipo de sequências encontramos uma excepção, "Livro?", cujo funcionamento é em tudo semelhante ao de "Substantivo?" (uma pergunta *parcializada*).

As interrogativas de contorno descendente aparecem no *corpus* sob três formas: alto-descendente; baixo-descendente; ascendente-descendente. Apenas as baixo-descendentes e as ascendentes-descendentes foram integradas no teste de percepção, devendo-se a exclusão das alto-descendentes ao facto de estas estarem associadas geralmente a uma marcação de valores expressivos.

As ascendentes-descendentes são identificadas como perguntas e o movimento ascendente é, como foi já referido, dominante na sua percepção.

Atendendo agora às baixo-descendentes, metade delas (3) foram interpretadas como perguntas. Destas, apenas uma ("E eu posso olhar p'ra ele?") foi percebida como ascendente, registando a percepção das outras duas ("E agora estou?"; "E neste momento?") grande dispersão nas respostas. Quanto às restantes, duas foram identificadas como declarações e percebidas com entoação descendente. Um último caso regista dispersão de respostas quer na identificação do tipo de frase, quer na percepção da entoação final ("Pode pegar?").

Se compararmos as formas das sequências consideradas perguntas com as das sequências consideradas declarações - incluindo aí as que efectivamente o são -, podemos constatar algumas tendências gerais. Assim, nos exemplos em que ocorre um contorno pré-nuclear, sendo este ascendente, verifica-se que os valores de F_0 atingem níveis mais altos nas sequências identificadas como perguntas. Além disso, verifica-se que nas sequências consideradas declarações (contendo um contorno pré-nuclear ascendente ou alto) a diferença entre os níveis de F_0 da sílaba pré-tónica e da sílaba tónica³ é mais pronunciada e o movimento nuclear de direcção descendente mais súbito. Estas características encontram-se também na sequência "Pode

³ Lembraos que o contorno nuclear é o que incide, e se inicia em, ou segue a última sílaba acentuada na unidade tonal.

pegar?", que regista grande dispersão de respostas. (Apenas em contexto é identificada como pergunta).

As duas sequências interpretadas como declarativas ("Mesa?"; "Falar?") são também parcializadas. Refira-se que todas as frases deste tipo apresentadas no teste são frases curtas constituídas apenas por um item lexical, e são consideradas declarações, independentemente da sua forma entoacional.

CONCLUSÃO

Propusemo-nos como objectivo contribuir para a identificação de factores que podem desempenhar um papel na percepção das interrogativas globais, em português europeu.

Os dados obtidos através da análise escolhida evidenciam que:

- O contorno nuclear desempenha um papel fundamental na identificação das perguntas (as que são associadas a determinadas formas - ascendentes e ascendentes-descendentes - são sempre identificadas como tal);
- O contorno pré-nuclear pode actuar também influenciando a percepção da frase (às interrogativas encontram-se associados contornos pré-nucleares altos);

- A especificidade da situação e a informação fornecida pelo contexto desempenham igualmente um papel importante na percepção da natureza interrogativa de uma sequência discursiva.

REFERENCIAS

- COHEN, A. (1972) "Some observations on the pitch of questions", in A. Valdman (ed.) *Papers in Linguistics and Phonetics to the Memory of Pierre Delattre*, Mouton, The Hague: 97-103.
- CRUZ-FERREIRA, M. (1980) *Basic Intonational and Grammatical Patterns of Portuguese and English Questions*, Universidade de Manchester, Departamento de Linguística geral, Tese de Mestrado.
- CRUZ-FERREIRA, M. (1983) *Non-Native Comprehension of Intonation Patterns in Portuguese and in English*, Universidade de Manchester, Departamento de Linguística Geral, Tese de Doutorado.
- FONAGY, I. e BERARD, E. (1973) "Questions totales simples et implicatives en français parisien", in A. Grundstrom e P.R. Léon (eds.) (1973) *Interrogation et Intonation*, Didier, Studia Phonetica 8, Paris: 53-97.
- FRIES, C.C. (1964) "On the intonation of 'yes-no' questions in English", in D. Abercrombie et alii (eds.) (1964) *In honour of Daniel Jones*, Longmans, London: 242-254.
- GRUNDSTROM, A. e LEON, P.R. (eds.) (1973) *Interrogation et Intonation. En Français Standard et en Français Canadien*, Didier, Studia Phonetica 8, Paris.

- HADDING-KOCH, K. e STUDDERT-KENNEDY, M. (1964) "Intonation Contours Evaluated by American and Swedish Test Subjects", in *Proc. 5th. Int. Congr. Phon. Sci.*, Munster, S. Karger, Basel, 1965: 326-331.
- JASSEM, W. (1972) "The Question-Phrase Fall-Rise in British English", in A. Valdman (ed.) *Papers in Linguistics and Phonetics to the Memory of Pierre Delattre*, Mouton, The Hague: 241-252.
- LEE, W.R. (1956) "English intonation: a new approach", in *Lingua*, 5: 345-371.
- LEE, W.R. (1980) "A point about the rise-endings and fall-endings of yes-no questions", in L.R. Waugh e C.H. van Schooneveld (eds.) (1980) *The Melody of Language*, University Park Press, Baltimore: 165-168.
- MATA, A.I. (1990) *Questões de Entoação e Interrogação. "Isso é uma pergunta?"*, Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MATEUS, M.H.M. et alii (1989) *Gramática da Língua Portuguesa*, 2ª edição revista e aumentada, Caminho, Lisboa.
- MATEUS, M.H.M. e XAVIER, M.F. (orgs.) (1990) *Dicionário de Termos Linguísticos*, vol.1, Edições Cosmos, Lisboa.
- ULDALL, E.T. (1961) "Ambiguity: Question or Statement? or 'Are you Asking me or Telling me?'", in *Proc. 4th. Int. Congr. Phon. Sci.*, Helsínki, Mouton, The Hague, 1962: 779-783.

(Para a elaboração deste trabalho contamos com a preciosa colaboração dos funcionários dos Meios Audio-visuais da F.L.U.L., particularmente do Sr. Francisco Roxo.)